



exame.

Revista Exame

João Farkas fotografa beleza e destruição do Pantanal e foge dos clichês

O fotógrafo João Farkas fez dez viagens em seis anos para revelar a beleza do Pantanal; agora as imagens ganham edição em livro



Lagoas salinas de Nhecolândia, no Pantanal: longe de clichês (João Farkas/Sesc/Divulgação)



Guilherme Dearo

Publicado em 27 de agosto de 2020 às 05h01.

Última atualização em 27 de agosto de 2020 às 10h35.

Entre 2014 e 2019, o fotógrafo brasileiro **João Farkas**, acostumado a fotografar a Amazônia, a Bahia e a fazer retratos, topou o desafio de conhecer o **Pantanal**. Lá, foi surpreendido. “Como todo mundo, eu tinha uma espécie de cegueira cognitiva em relação ao Pantanal. A gente acha que já conhece e entende, que é um paraíso protegido, mas não. Ao vivo, conhecemos toda a sua complexidade”, diz.

Durante anos, Farkas contou com o apoio de fazendeiros locais a fazer seu trabalho e chegar a lugares quase inacessíveis, voar de monomotor para captar imagens aéreas e presenciar eventos raros, como a grande **florada dos ipês**. Agora as imagens saem no livro *Pantanal*, pela Edições Sesc São Paulo. Em 160 páginas, a obra traz mais de 80 imagens e pequenos textos explicativos de sua autoria. *CASUAL* conversou com João Farkas.

Por que fotografar o Pantanal?

As coisas estão mudando rapidamente. É um bioma enfrentando incêndios, mudança no regime de cheias e erosão do solo. Os próprios fazendeiros estão sofrendo, sabem da gravidade e me chamaram para ir lá. Os pantaneiros são apaixonados pela região, eles têm muito orgulho e senso de responsabilidade. Fiquei fascinado pela beleza local, mas também pela fragilidade. É preciso conhecer o Pantanal antes que desapareça.

Como escolheu as fotos que entraram no livro?

Foram mais de 10.000 imagens para depois escolher cerca de 80. Como a região já foi muito fotografada, precisava de algo diferente e longe dos clichês. Optei por menos imagens descritivas e mais imagens plásticas e abstratas. Eu me inspirei muito em artistas como Van Gogh, Tomie Ohtake e Monet. A ideia, também, era impactar. Estamos em uma sociedade hiperinformada, e sem fotos surpreendentes não conseguiria a atenção do público.

De quais clichês o livro tenta fugir?

Sempre fotografam a onça, o jacaré, o galho seco com uma ave contra o pôr do sol, a boiada passando no rio. Quis fugir disso. Dá para buscar novos olhares, inclusive para documentar as ameaças. O livro também traz retratos. O rosto dos pantaneiros é muito característico. Eles são mais melancólicos. Talvez pela solidão daquele espaço tão isolado, pela vida difícil que levam.

Que impacto espera causar com as imagens?

O Pantanal está ameaçado e isso terá graves consequências econômicas. É preciso chamar a atenção para a beleza e para a destruição. Respeitar a natureza, mostrar sua beleza e ao mesmo tempo produzir de maneira responsável. Ou achamos uma saída comum, de preservar e produzir, ou viveremos no incêndio e na seca e sob boicote internacional.